

# A COMPREENSÃO DE CHARGE POLÍTICA

**Janaíne Cássia Nogueira de Mattos**  
**Centro Universitário de Belo Horizonte- UNI-BH/ Pós-Graduação/ Leitura e**  
**Produção de Textos / [janamattos@iq.com.br](mailto:janamattos@iq.com.br)**

**Maria Aparecida de Assis Teodoro**  
**Centro Universitário de Belo Horizonte- UNI-BH/ Pós-Graduação/ Leitura e**  
**Produção de Textos / [mteodoro@unibh.br](mailto:mteodoro@unibh.br)**

## Introdução

Na educação, no que se refere às atividades de leitura em sala de aula, os docentes, especialmente os de língua materna, sempre se deparam com as inúmeras dificuldades, por parte dos alunos, na leitura de textos.

De acordo com Solé (1987) “leitura é uma interação entre o leitor e o texto”. O leitor processa o texto e busca nele os seus objetivos e finalidades; são muitas as possibilidades de leitura, sendo assim, ela pode ser ativada por diversos motivos: por prazer, para procurar uma informação, para aprender as regras de um jogo, para obter uma informação no jornal. Esses objetivos irão se refletir na compreensão, pois leitores, com objetivos diferentes, perceberão informações distintas de um mesmo texto.

A tarefa de sensibilização para a leitura deve começar desde muito cedo, até mesmo antes do período escolar e, assim, como a própria aprendizagem de mundo, a da leitura deve fazer parte da realidade do complexo e natural processo ensino/aprendizagem.

No caso da leitura de textos lingüisticamente codificados, em princípio, pode-se afirmar que, para ter acesso ao conteúdo do texto, é preciso ter acesso ao sistema lingüístico em que esse texto vem expresso. É importante ressaltar que o processo de leitura envolve três principais momentos: decodificação, compreensão e interpretação. A decodificação pressupõe aprender as correspondências que existem entre os sons da linguagem e os signos que os representam ou os sinais não lingüísticos como, por exemplo, as ilustrações que as charges trazem, e respectivas referências que a elas devem ser incorporadas, a partir do contexto, da situação discursiva.

Logo, para ler necessitamos, além de manejar com agilidade as habilidades de decodificação, levar ao texto nossos objetivos, idéias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e por nossa própria bagagem cultural.

Já a compreensão envolve a construção de significado para o texto. Os enunciados, para o leitor, não são uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve as indicações do texto e a participação efetiva do leitor, enquanto co-produtor do texto. Um dos fatores para a compreensão são os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos. A leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação. Quanto mais informações possuir um leitor sobre o texto que vai ler, mais facilidade ele terá em construir as interpretações possíveis para a leitura de um texto.

Aí já estamos discorrendo sobre o terceiro momento do processo: a interpretação. É a partir dela que posso, por exemplo, levantar algumas questões e respondê-las. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o

autor, gênero, o tipo do texto? A partir das possíveis respostas, durante a leitura, é que o leitor faz inferências, estabelece relações adequadas, percebe os efeitos de sentido, avalia o que leu, verifica se há incoerências de interpretação em sua leitura e relaciona o texto aos próprios objetivos. O processo adequado de leitura é o responsável pelo fato de o leitor compreender o texto e, assim, construir uma idéia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos objetivos.

Um dos desafios a ser enfrentado pela escola é, criar estratégias para que os alunos estabeleçam objetivos para sua leitura e, posteriormente, fazer com que relacionem os seus conhecimentos prévios aos recursos lingüísticos do texto e extralingüísticos que envolvem o assunto.

Pensando na importância da leitura na sociedade letrada e na função da escola como espaço privilegiado dessa atividade, é que pensamos na proposta deste trabalho que tem por objetivo analisar o nível de compreensão do gênero charge, por alunos do 1º ano, do nível médio da Escola Estadual Ari da Franca, relacionando o grau de interação desses leitores/informantes com os fatos e as circunstâncias que geraram a charge.

A hipótese que fundamentou a pesquisa foi a de que boa parte dos alunos não consegue produzir efeito de sentido para o gênero charge, pois, fazer atividades de leitura e compreensão desse gênero, especialmente, pode ser difícil, porque requer conhecimento prévio e estratégias de leitura que os alunos podem ainda não possuir. Os alunos, de modo geral, confundem leitura com a simples decodificação de sinais gráficos, isto é, não estão habituados a encarar a leitura como um processo mais abrangente, que envolve o leitor em um contexto discursivo mais amplo. Talvez isso também se deva ao fato de que a decodificação é mais prática e cômoda para eles, por essa razão, não passam do primeiro momento do processo da leitura.

## **Procedimentos**

É muito comum os professores afirmarem que seus alunos não gostam ou não sabem ler. Mas como vão alcançar essa competência, se as atividades de leitura costumam ser desenvolvidas na escola como práticas nas quais a decodificação é maior do que o comprometimento com o sentido do texto? Não são levados em consideração os saberes anteriormente adquiridos pelo aluno, seu conhecimento de mundo?

Para alcançar o nosso objetivo, analisar o nível de compreensão do gênero charge, pelos alunos do 1º ano, do nível médio da Escola Estadual Ari da Franca, distribuimos 02 (duas) charges e alguns questionários em sala de aula. As charges foram impressas no jornal *Estado de Minas*, no caderno Opinião, nos dias 09/04 e 03/05/2005, respectivamente.

A charge impressa em 09/04 trazia o ex-presidente da Câmara dos Deputados, o senador Severino Cavalcanti, entre o atual presidente da República, Luiz Inácio da Silva e o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Já na outra charge, impressa em 03/05, existiam dois textos no mesmo quadro. Na primeira, vários personagens ouvindo o presidente Lula em cima de um palanque dizer que iria ler uma “listinha” das coisas que ele havia prometido e não cumpriu. Na segunda charge, duas tartarugas falam que o chefe da polícia ia aumentar o número de policiais e a terceira tartaruga, personificada em bandido, responde: “Nós também!!”

As charges<sup>1</sup> constituem-se textos humorísticos e opinativos, cuja função é criticar fatos ou situações.[...] Sua construção baseia-se na remissão a um universo discursivo. Elas mantêm relações intertextuais com textos verbais e visuais. [...] Dessa maneira, através do desenho e, às vezes, através do desenho e do texto escrito, utiliza-se o humor para destronar os poderosos e buscar o que está oculto em fatos, personagens e ações políticas. A ambivalência e o humor nesses tipos de textos fazem com que o leitor reflita sobre fatos e personagens do mundo, principalmente político, uma vez que explicitam aquilo que está oculto por trás deles. A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma rápida. O leitor desses textos tem que ser um indivíduo bem informado para que compreenda e capte o seu teor crítico.

As charges têm o objetivo de persuadir, influenciar ideologicamente o imaginário do interlocutor. Assim, elas se mostram como um poderoso instrumento de crítica, devendo ter um lugar privilegiado nas instituições educacionais que buscam formar o aluno cidadão crítico. Diante de tantas características, uma é a mais marcante: o aspecto irônico e denunciador que tem a charge. “A ironia é aquela pitadinha de sal, que sozinha torna o prato saboroso!” (Goethe). De acordo com Castro (2005:120) “a ironia é um caso típico de discurso<sup>2</sup> bivocal. Nela a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para um outro discurso”. Essa definição pode ser mais completa se acrescentarmos que ironia é a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar, geralmente contrário, na qual o emissor deixa transparecer a contrariedade por meio do contexto, do discurso ou da entonação. A função da ironia, geralmente, é criticar, impressionar e provocar humor.

Nesse contexto, quando se diz que a missão da escola é levar o aluno, de qualquer classe social, a interagir nas mais variadas situações concretas de discurso, entendemos que o que se deve esperar da escola é levar o aluno a dominar os diferentes universos semânticos que são importantes para uma dada sociedade ou cultura. (Cardoso, 2005:32).

Não podemos nos esquecer de que no gênero charge pode acontecer a articulação de duas linguagens, a verbal, através da associação de palavras, a não-verbal, através de imagens, ou até mesmo as duas ao mesmo tempo e no mesmo texto. Em função dessas associações e da forma criativa com que é produzida, ela se tornou um texto muito interessante para ser explorado na escola.

Sendo assim, este trabalho busca, através desse tipo de leitura verificar se a escola tem o leitor crítico, capaz de ler não apenas o que está explícito, mas também aquilo que não se explicita na superfície do texto.

O material recolhido para a pesquisa foi produzido por 22 sujeitos informantes, alunos da 1ª série do Ensino Médio, do turno noturno, de uma escola da rede pública de Belo Horizonte. Esses sujeitos se encontram entre as classes baixas à média baixa, geralmente trabalham durante o dia e depois vão para a escola.

Na 1ª série, espera-se que o aluno de Ensino Médio tenha adquirido conhecimentos suficientes para compreender textos variados e, além disso, que ele tenha desenvolvido habilidades e competências não só lingüísticas para lidar com variados gêneros textuais na vivência escolar e diária, mas também extralingüísticas, ou seja, ele deve ser capaz de construir sentido daquilo que lê a partir de práticas sócio-interacionais de leitura.

---

<sup>1</sup> Referência ao texto do site: [www.filologia.org.br/vcnlf\\_inscritos.html](http://www.filologia.org.br/vcnlf_inscritos.html)

<sup>2</sup> O discurso é definido por Cardoso (2005:21) como um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.

Baseando-se nessa hipótese, foi entregue para os alunos de 1ª série uma proposta de compreensão de charge política, retirada do jornal *Estado de Minas*, do caderno Opinião, dos dias 09/04 e 03/05/2005, que no próximo capítulo chamarei de charge 1 e 2, respectivamente.

Para que tal proposta não ficasse exaustiva, foi solicitada à professora permissão para trabalhar com a turma uma vez por semana, um horário de cinquenta minutos, durante três semanas consecutivas. No primeiro dia, a Profa Janaíne apresentou-se aos alunos relatando ser uma ex-aluna da escola, graduada em Letras e pós-graduanda em Leitura e Produção de Texto, pelo UNI-BH. A Professora relatou que a pesquisa se tratava de trabalho de conclusão de curso, e que o tema escolhido era a leitura de charge política. Foi pedido que os alunos respondessem às perguntas com seriedade, porque seriam catalogadas.

A razão dessa apresentação era criar um vínculo entre a professora e os alunos e, conseqüentemente, conseguir uma atenção maior. Depois da apresentação, foi distribuída a charge do “Severino”. A Professora disse-lhes em qual jornal a charge tinha sido publicada, a data e o caderno. Foi informado também que naquela data, 09/04/2005, acontecia no Vaticano o velório do Papa João Paulo II; já a respeito da charge do dia 03/05/2005 não foi feita nenhum comentário. Por último, foi explicado que um dos objetivos da charge política é criticar algum acontecimento em evidência,

Em relação à charge publicada em 09/04, foi perguntado se eles sabiam quem eram os personagens caricaturados, qual era a indicação do lugar onde eles estavam, porque aparecia a palavra “Santo” várias vezes, o que o cartunista quis dizer com aquela charge.

A charge publicada em 03/05 transmitia duas mensagens principais; uma a do presidente lendo a “listinha” do que prometera, a outra mostrando as tartarugas conversando sobre a violência e a polícia, conforme já falamos.

Pretendeu-se, com a escolha desse tema, tentar levar os alunos a usar seus conhecimentos prévios para atingir objetivos pertinentes à compreensão das charges.

## **Resultados obtidos**

Os 22 sujeitos informantes, alunos da 1ª série do Ensino Médio, foram catalogados como informantes e enumerados de 1 a 22.

Em relação à charge 1, publicada em 09/04/06, foi aplicado um instrumento em forma de questionário. Ao responder a ele, os informantes de números 11, 12, 13, 15, 16, 17 e 18 foram unânimes ao responder sobre os personagens caricaturados: José Sarney, Lula, Severino Cavalcanti e Fernando Henrique.

Já os informantes 1, 2, 3, 4, 7 e 10 identificaram outros personagens que não aqueles caricaturados na charge, mas que fazem ou já fizeram parte do meio político. O informante 1 identificou “José Serra e Saddam”; os informantes 2, 3 e 4 identificaram “Nilton Cardoso” e aqueles de números 7 e 10 citaram “Itamar Franco”.

Em contrapartida, o informante 5 citou o papa “João Paulo I e Bucho”. Talvez se referisse ao presidente dos Estados Unidos, Jorge W Bush. O 9 respondeu “Quase todos. Lula, José Serra, Fernando Henrique Cardoso”. Talvez essa resposta se deva ao conhecimento prévio que ele possui sobre os compromissos políticos dos dirigentes das nações. Geralmente, quando uma personalidade vem a falecer, diversos países prestam as últimas homenagens e enviam os representantes para o funeral. O informante 14 conseguiu identificar somente “Lula e Fernando Henrique”.

Já os informantes 19, 21 e 22 não souberam ou se recusaram a responder a essa primeira questão.

A questão seguinte buscava saber se os informantes conseguiam identificar o lugar representado na charge. Os informantes 1, 2, 3, 6, 9, 20, 21 e 22 descreveram cada um com suas palavras o espaço, apesar de que apenas os informantes 2, 6 e 21 tenham se referido ao lugar de forma mais completa. Tais aspectos são relevantes, pois dos 22 alunos, somente 8 contaram com o conhecimento prévio adequado para os movimentos inferenciais que caminhariam melhor no processo de leitura mais eficiente.

Uma outra questão buscava verificar se o leitor acionava o conhecimento prévio necessário para a leitura da palavra “Santo” repetida várias vezes. Somente os informantes 2, 3, 4, 14 e 17 conseguiram relacionar a palavra à figura do Papa ou do “Santo” Papa. Alguns responderam a partir de inferências autorizadas, outros tentaram construir sentido, mas devido à falta de conhecimento prévio do assunto, o sentido atribuído não era o adequado. Tivemos ainda casos em que eles não conseguiram fazer referência ao papa ou à sua morte. Para essa questão, por exemplo, o informante 1 descreveu que a palavra “Santo” aparecia várias vezes porque eles (os políticos) “são santistas” ou “porque José Serra fez nada de errado até hoje (que eu saiba)”.

Para terminar, perguntamos também o que o chargista quis ironizar. As respostas evidenciaram que os alunos/leitores não sabem ou não conseguem perceber o efeito de sentido ou efeito perlocutório desejado. Tanto é que os informantes 17 e 20 conseguiram inferir que “o Severino acha que ele é o santo” e que “Severino estava achando que todos gritavam “santo” por causa dele e p/ ele”. Dos 20 restantes, 7 não responderam e os outros 13 deram respostas incoerentes, como por exemplo, o informante 5 “Por que lá fala muito da palavra santo”, o 6, “Os políticos não agradaram com a morte do Papa”, ou ainda o 7 “Que os deputados estão unidos”.

Outro questionário foi aplicado em relação à charge 2, publicada em 03/05/06. Nessa charge a ironia ficou por conta das falsas promessas e do deboche expresso pela “listinha”. Note-se que o diminutivo é altamente irônico se se considerar a imagem, na charge: a lista desenrola-se e cai palanque abaixo, como um rolo de papel em metros. Outro toque de denúncia ao desrespeito do político é o fato de primeiro, não cumprir o que prometeu e, segundo, ler a lista para o público eleitor que acreditou nas promessas. Em outro quadro inserido nessa mesma charge, mas recortado por uma linha que divide a 1ª parte (Presidente e sua “listinha”) da 2ª, o cartunista ironiza a polícia e faz uma comparação dessa com a lentidão das tartarugas. 32 sujeitos informantes foram testados, tendo como texto essa mesma charge.

Perguntamos quem era o personagem caricaturado na parte superior da charge e que estava lendo a “listinha”. Dos 32 informantes, 15 responderam que se tratava do presidente Lula, número bastante considerável de resposta correta, se considerarmos, talvez a quantidade de vezes que o Presidente aparece na televisão, em fotos, nos jornais e revistas. Outra resposta interessante refere-se ao fato de alguns informantes responderem “um político”. Vale ressaltar a resposta do informante 7, “um político que não cumpriu o prometido, normal”. Através dessa última resposta, a falta de compromisso político e, portanto desrespeito à ética e aos eleitos já se tornou banal, normal. (Anormal seria aquele que cumpre!!!).

Outra questão levantada se referia ao público que ouvia o “presidente” ou o “político”. A grande maioria dos informantes não teve dúvida: era “o povo”, “o povão”, “as pessoas que votaram no presidente”, “o povo como sempre”, ou ainda, segundo informante 18, “os inocentes pobres de cultura”.

O informante 30, porém, extrapola o contexto textual, demarcado pela divisão, já que, como dissemos, essa charge vem dividida em 2 partes, compondo, ao mesmo tempo, duas charges (textos) que podem ser lidas separadamente, ou um só texto, apesar da linha divisória, conforme fez o leitor 30 que respondeu: quem ouvia era “a cidadania e o rato a tartaruga”. Ele descreve como ouvinte todas as figuras que aparecem no texto, ou seja, a cidadania, que são as pessoas; o rato, que aparece perto do presidente em cima do palanque; esperto por natureza e, no caso, a esperteza reforça-se pela posição que ocupa; e a tartaruga, animal que se locomove com lentidão, morosidade. O que é interessante frisar, no entanto, é que em charges de Oldack Esteves, o rato e a tartaruga são elementos recorrentes, como se fizessem parte do estilo ou marca do chargista.

Outra leitura que merece destaque é a dos informantes de número 3 – a dupla Vagner e Gleicianne, que fizeram juntos o trabalho. Para as duas perguntas: quem lia a “listinha”; quem ouvia a leitura, os dois responderam que eram eles próprios, talvez identificando-se com os personagens da charge ou ainda não levando a sério o questionário!

Tentando verificar o grau de possibilidade de produção de sentido para a leitura, insistimos para que dissessem o que haviam entendido. No geral, as respostas contaram com o conhecimento prévio do aluno, que “político sempre promete, mas nunca cumpre”, “Que o Lula fez tanta promessa, que precisou de uma lista grande. E ele não cumpriu”; o informante 22 apelou pela questão religiosa quando descreve: “Entendi que o que devemos mesmo é pegar com Deus para que o nosso país melhore. Pois foram várias promessas, mas um dia a justiça de Deus será feita, e a máscara de todos eles cairão”. Nesse caso, fica clara a experiência de vida interferindo na produção de sentido.

O gênero charge tem como um dos objetivos ironizar, criticar e provocar risos, mas para que isso aconteça é preciso contar com a cooperação do leitor que aciona seus conhecimentos e os coloca a serviço do processo de leitura para chegar ao efeito perlocutório do texto. Por isso perguntamos os leitores/informantes se eles acharam graça no texto e por que acharam graça (ou não). As respostas obtidas na charge do Lula nos leva a acreditar que a maior parte dos alunos conseguiram compreender a ironia da charge, pois os informantes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 28, 29 e 32 responderam geralmente dentro de um mesmo contexto. “Que não existe lista que consiga guardar promessas dos políticos”, “Porque um político falando o que não cumpriu é impossível”, “... quem há de achar graça em uma pessoa que diz que irá ler listas de promessas não cumpridas, sendo que precisamos que cumpram as promessas para a melhoria do país”. Outros como o 16 e 17 responderam que “esse tipo de comédia não agradava”. O 19 e o 32 entenderam que as duas charges (os textos) são um contexto textual só, apesar da linha divisória.

E, para finalizar, analisando as respostas da charge das tartarugas, os informantes 2, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 18, 19, 25, 27, 29 e 30 acharam graça. Como, por exemplo, o 4 que respondeu: “a polícia é muito devagar como tartarugas nunca consegue aumentar o número de policiais nas ruas”, ou então o 10 “Porque o chefe de polícia é tão devagar, que os bandidos “demonstrados” como tartarugas se aumentam mais rápido que os homens de autoridade”, ou ainda o 25 “... eles comparam os policiais com tartarugas, ou seja, são devagar e que se aumenta o número de policiais os bandidos triplica”.

## Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, José Carlos (org.). **Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica/Fale – UFMG, 2005.
- CASTRO, Maria Lília Dias. A Dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In: Brait, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Unicamp, 2005.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Tradução por Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. V. I.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1986.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2001.
- **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2002.
- KOCK, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete (Org.). **Teoria da literatura na escola: atualização para professores de I e II graus**. Belo Horizonte. Lê, 1994.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. A língua não-verbal no texto escrito: da apropriação da imagem pela palavra. In: AZEVEDO, José Carlos de (Org.). **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª edição. Porto Alegre: ArteMed, 1998.